

Mulheres, Raça e Classe

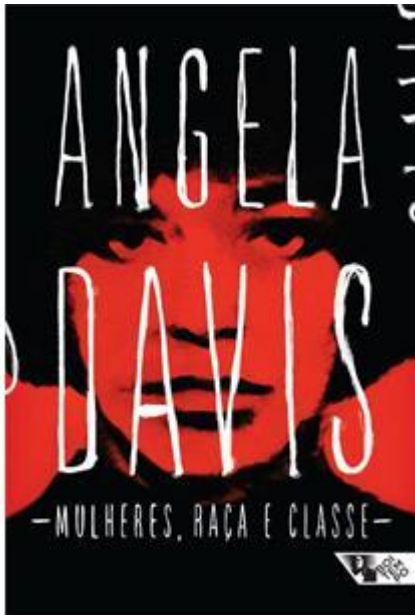
ANGELA DAVIS

São Paulo: Boitempo, 2016. 248 p.

347

Milena Freitas Machado ¹

Monica Rodrigues Costa²



Ângela Davis é uma filósofa negra estadunidense. Integrou várias organizações políticas de esquerda, inclusive, o partido Panteras Negras, organização marxista estadunidense pelos direitos da população negra. É também professora emérita do Departamento de Estudos Feministas da Universidade da Califórnia. Ativista incansável na luta pelos direitos civis da população negra e pela libertação das mulheres negras, por este motivo, na década de 70, foi presa por dezoito meses, porém em seguida inocentada de todas as acusações. Na obra *Mulheres, Raça e Classe*, Davis (2016) inova a análise

¹ Assistente Social. Doutoranda no Programa de estudos interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo-PPGNEIM/UFBA. | milena.ssfreitas@gmail.com

² Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE (2006), professora do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da UFPE. | morodrigues.costa@gmail.com



da sociedade norte americana, articulando o racismo, sexismo e a exploração capitalista.

A autora, afiliada ao pensamento crítico, desenvolve no livro uma argumentação que evidencia a condição das mulheres negras na sociedade norte-americana, a partir da articulação entre racismo, exploração e gênero. A argumentação é provocativa e instigante por tecer críticas as elaborações teórico e filosóficas de tradição marxista, que analisando a sociedade capitalista exclusivamente através das classes sociais, exclui as particularidades de gênero e raça no interior das classes. A exemplo, da obra clássica *Origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels (2012), com a qual dialoga.

Para tanto, Davis (2016) recupera as repercussões da sociedade escravagista, para compreender a sociedade capitalista atual em suas formas de dominação, exploração e apropriação da força de trabalho e da sexualidade, também para manutenção da subalternidade das mulheres negras até a atualidade, especialmente em relação ao trabalho doméstico, o racismo e o sexismo como bases de fundação da sociedade capitalista.

Nestes termos a análise crítica de Davis (2016), busca esclarecer que na escravidão, apesar de a exploração da força de trabalho ser indistinta entre os sexos, as mulheres negras escravizadas eram submetidas ao trabalho doméstico e à exploração sexual pelos senhores e, até mesmo pelos feitores. O livro é uma denúncia à desumanização da pessoa negra, a naturalização das práticas de violência e estupro, como forma de controle dos corpos e domínio da sexualidade, uma das táticas de reprodução de mão de obra escrava.

No que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sob a ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo. Nesse sentido, a opressão das mulheres era idêntica à dos homens [...] A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p. 190).



Portanto, chama a atenção, para a associação de classe, raça e gênero nos processos históricos da formação social e seus rebatimentos, para análises da sociedade capitalista contemporânea, e ao mesmo tempo, para que as práticas políticas no campo da esquerda, incluam em suas pautas o combate ao racismo e o sexismo. Nesse sentido, avança e fornece novos elementos para compreensão da sociedade industrial norte-americana, cujos conflitos do período, como as lutas antiescravagistas e sufragistas, são manobrados para favorecer a expansão do capitalismo e a exploração do trabalho da população negra e branca trabalhadora.

O sexismo opera de modo perverso para as mulheres negras, e ambos os movimentos (abolicionistas e sufragistas) supõem que a emancipação do povo negro teria efeitos de igualdade para as mulheres, desta maneira os direitos das mulheres negras foram desconsiderados, inclusive o direito ao voto, uma vez que só os homens negros passam a ter direito.

Desse modo, a associação entre classe, raça e gênero, se apresenta com vigor, na medida em que as condições de vida das mulheres negras não sofrem alterações substanciais, mesmo após o processo abolicionista. Os dados apresentados pela autora permitem afirmar que a população negra considerada livre não teve acesso ao sistema de proteção social e a condições de trabalho digna, moradia, acesso à terra, dentre outras necessidades básicas para a sua sobrevivência e progresso. Os dados do censo à época, revelam a continuidade dos elementos que caracterizavam o sistema escravagista, como a autora denominou o “selo da escravidão” na vida da população negra, mais preponderante na vida das mulheres negras.

Dois aspectos da análise do racismo e do sexismo impressionam sobremaneira, primeiro o fato de que o capitalismo industrial recriou formas análogas à escravidão, sustentáculos da exploração e opressão da população negra, inclusive a problemática do encarceramento massivo, para explorar a força de trabalho negra. O segundo aspecto é a manutenção de dispositivos ideológicos³ que sustentam as práticas

³ Ideologia racista reproduzida no imaginário social da população estadunidense, que tinha como pressuposto que, os negros abusavam sexualmente das mulheres



racistas, atribuindo comportamentos violentos e marginais à população negra (o estuprador e a promíscua).

O avanço analítico da autora e seu método de análise da realidade deixam uma contribuição teórica no campo do feminismo negro, que ultrapassam os limites da geopolítica norte-americana, inspirando a luta feminista negra no Brasil e apontando táticas e estratégias para transformação social. O livro provoca e inquieta no que tange aos objetivos dos feminismos na luta pela libertação das mulheres. A obra tem densidade teórica e política, características imprescindíveis na produção de conhecimento crítico, que tenha como princípio a contribuição para o Movimento Feminista.

Mulheres, Raça e Classe é uma contribuição imprescindível para o movimento feminista, sobretudo o feminismo negro, leitura essencial em tempos de genocídio negro, barbárie e o avanço do imperialismo em toda a América Latina. O conceito de interseccionalidade utilizado pela autora, para analisar a realidade estadunidense, apreende os elementos constitutivos das categorias raça, classe e gênero, na sua relação entrelaçada, permitindo compreender as opressões sem hierarquizações.

Referências

- DAVIS, Ângela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 1ªed. - Rio de Janeiro: Expressão popular, 2012.

Recebido em 14 out. 2020 | aceite em 04 fev. 2021

brancas. Tática utilizada para mistificar os linchamentos massivos da população negra.

